

## FRAGMENTOS DA GÊNESE DE *VIDA OCIOSA*, DE GODOFREDO RANGEL, N'A *BARCA DE GLEYRE*

Emerson Tin<sup>1</sup>

### Resumo

Editado em livro em 1920, *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, teve uma versão anterior publicada na *Revista do Brasil* entre maio de 1917 e janeiro de 1918, ligeiramente diversa da publicada em livro, que foi comentada por Monteiro Lobato nas cartas que escreveu ao autor. O objetivo dessa comunicação, assim, é cotejar trechos da versão impressa no periódico e da versão da primeira edição em livro e resgatar o papel exercido por Lobato nesse processo, a partir das cartas d'*A barca de Gleyre*.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Godofredo Rangel. Correspondência.

### Résumé

Publié en livre en 1920, *Vida ociosa*, de Godofredo Rangel, a eu une version précédente publiée dans la *Revista do Brasil*, entre mai 1917 et janvier 1918, légèrement différente de l'ouvrage publié en livre, version examinée par Monteiro Lobato dans ses lettres à Rangel. Le but de cette communication est de rassembler des morceaux de la version imprimée dans le magazine et de la version de la première édition en livre, ainsi que de récupérer le rôle joué par Lobato, à partir des lettres de *A barca de Gleyre*.

Mots clé: Monteiro Lobato. Godofredo Rangel. Correspondance.

Monteiro Lobato (1882-1948) teve um importante papel formador em relação aos companheiros da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, seus contemporâneos, integrantes do chamado *Cenáculo*. Ora recomendando leituras, ora lendo criticamente a produção literária dos amigos, Lobato assumia essa função

<sup>1</sup> FACAMP – Faculdades de Campinas.

pedagógica em relação a seus pares, comportamento que lhe renderia o apelido de *magister dixit*<sup>2</sup>.

Ao longo dos anos, findo o convívio acadêmico, esse papel continuaria a ser exercido especialmente em relação a Godofredo Rangel (1884-1951), o correspondente contumaz que o acompanharia até os últimos dias de vida.

É possível ver um exemplo dessa atuação lobatiana no tocante à escrita e publicação do romance *Vida ociosa*, de Rangel. O objetivo dessa comunicação, nesse sentido, é resgatar parte do processo criativo desse romance de Rangel, cotejando trechos da versão impressa na *Revista do Brasil* e da versão da primeira edição publicada em livro, e o papel exercido por Monteiro Lobato nesse processo, o que se encontra registrado em algumas cartas d'*A barca de Gleyre*, publicada em 1944. Como assinala Almuth Grésillon, “biografia e correspondência do autor, conhecimento da obra no seu conjunto, testemunhos de terceiros, eventos históricos, tudo isso nos dá informações sobre as condições externas dentro das quais se situa uma gênese”<sup>3</sup>.

A primeira leitura registrada por Lobato a respeito de *Vida ociosa* encontra-se em carta de 1º de agosto de 1915:

Acabo de ler a última parte de *Vida ociosa* e corro ao papel para que nada se perca do calor da primeira impressão. Confesso que as partes anteriores me deram a suspeita de que em vez de um romance com desenlace, a coisa te saísse simples crônica da vida roceira. Enganei-me. Parabéns! O Capítulo do Sô Quim está magnífico de observação e graça: é da gente rir como em Mark Twain. Aquele “ajutório”, aquele “fazer companhia”, oh, aquilo é ouro. O remate, a seca do cliente, a surpresa do anel e a criação da escola, são uma obra prima de beleza, emoção e arte. A publicação desse livro vai ser um acontecimento literário. Coelho Neto, nada! acadêmicos, nada! você vale todos os romancistas da Academia de Letras. Vou levar ao Ricardo o manuscrito, porque faço questão de que ele se convença por si mesmo do que sempre eu disse do Rangel. E desde já te dou o meu voto para o 1º. do Cenáculo, lugar que deixo de aspirar, já que o PRIMEIRO é você. Homem feliz! Empreendeste uma viagem longa e

<sup>2</sup> Tratei desse papel de Lobato, por meio de sua correspondência, no segundo capítulo de minha tese, intitulada *Em busca do “Lobato das cartas”*: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários (Campinas, SP, 2007). É importante assinalar, porém, que esse não era um comportamento de mão única: Lobato também se colocava, muitas vezes, na postura de aprendiz, como se pode perceber, por exemplo, no trecho seguinte, de uma carta de 21 de julho de 1917: “Em mãos o *Comprador de fazendas* e duas cartas. Cada vez que me devolves um conto, envergonho-me da ortografia. Quantos erros anotaste – zz por ss, yy por ii ... Se algum dia eu virar literato de profissão, tenho de contratar o Álvaro Guerra para secretário dos pronomes e da ortografia. Os pronomes já me saem melhores, depois das abençoadas notas que você mandou. Como andavam desafinados, no meu período anterior às notas!” (LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 2, p. 145-146).

<sup>3</sup> *Elementos de crítica genética*: ler os manuscritos modernos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck... [et al.] Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 42.

desalentadora e chegaste à meta. Hoje estás no ponto em que é só escrever e publicar: a crítica só terá carinhos com você. Uma coisa ainda aconselho: podar as camilices enxertadas na primeira parte. Estou convencido de que o vocábulo fora da moda, fósil ou raro, é “pedra” de banana-maçã. O teu estilo é o desta última parte. Nela não há ressaibo de Camilo nem de ninguém: tudo ali é Godofredo até ao sabugo das unhas.<sup>4</sup>

Além das impressões de leitura, calcadas, sobretudo, em comentários elogiosos a respeito do autor, comparado a Mark Twain e Coelho Neto, Lobato acrescenta um conselho: a poda do que chama de “camilices”, ou seja, influências do vocabulário e do estilo do escritor português Camilo Castelo Branco, alvo de grande admiração de Lobato. Nesse sentido, em complementação ao que havia sustentado nessa carta e para corroborar a sua opinião, Lobato escreveria a Rangel em 4 de agosto de 1915, expondo a impressão de leitura de Adalgiso Pereira<sup>5</sup> a respeito do romance:

Adalgiso te louvou o estilo nas partes onde as “aquisições camilianas não empecem de arqueologia a atualidade da língua”. Condenou os trechos onde Camilo está demais. Também acho que deves raspar o excesso de Camilo. É forçoso que ele não fique com as orelhas de fora. Na segunda parte da *Vida Ociosa* está mais diluído, homeopaticamente, mas na primeira parte está alopático, em doses cavalares.

Teria Rangel seguido o conselho do amigo ao preparar a versão manuscrita para sua primeira publicação na *Revista do Brasil*, entre os meses de maio de 1917 a janeiro de 1918? Não é possível afirmar, já que não se sabe da existência dos manuscritos de *Vida ociosa*, mas é possível perceber alterações entre a versão publicada no periódico e aquela editada em livro, em 1920.

Publicado em livro sob a chancela da prestigiosa *Revista do Brasil*, esse romance de Godofredo Rangel conheceu uma versão anterior nas páginas desse mesmo periódico. Essa versão anterior, ligeiramente diversa da versão publicada em livro, foi comentada por Monteiro Lobato nas cartas que escreveu ao fiel correspondente de Minas, que acabaria por reescrever o romance acatando algumas sugestões do escritor taubateano. A edição mais recente do romance seguiu a segunda edição, de 1934, a última publicada durante a vida do autor, e registra que “o cotejo com a 1ª edição mostrou numerosas alterações, sobretudo

<sup>4</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 2, p. 44-45.

<sup>5</sup> “O professor Adalgiso Pereira, natural de Minas Gerais, trabalhou durante longos anos na imprensa de São Paulo, Capital, e foi docente interino da Escola Normal.” (*História das ruas de São Paulo*. Disponível em: <http://www.dicionarioderuas.com.br/> Acesso em: 19 nov. 2010).

estilísticas”<sup>6</sup>. Ora, se entre a primeira e a segunda edições em livro são percebidas numerosas alterações, o que se dirá se se fizer o cotejo entre a edição publicada na *Revista do Brasil*, à maneira de folhetim, e a primeira edição em livro?

Sabe-se que Monteiro Lobato defendeu, em várias ocasiões, a reescrita de textos, tendo, inclusive, em relação à própria obra, efetuado várias alterações ao longo dos anos e das edições<sup>7</sup>. Uma dessas ocasiões pode ser encontrada na carta endereçada a Godofredo Rangel em 20 de maio de 1909: “o melhor é passarmos os nossos contos à letra de forma do *Minarete*, para melhor os consertarmos”<sup>8</sup>. Nota-se que Lobato defendia a publicação de uma primeira versão do texto para que servisse de exemplar de trabalho, ou seja, sobre o texto impresso, o escritor faria as alterações, acréscimos e supressões que julgasse necessários. Assim, pode-se sustentar a hipótese de que a versão publicada na *Revista do Brasil* teria sido utilizada por Rangel como exemplar de trabalho para proceder às alterações que podem ser vistas na versão publicada em livro. Essa hipótese é corroborada por Lobato que, em carta de 30 de agosto de 1916, tentava convencer Rangel a publicar o romance nas páginas da *Revista do Brasil*: “A vantagem de dar a *Vida* em revista é poderes tê-la em forma impressa para o ‘passar a ferro’ final. Em manuscrito a gente não vê totalmente um livro”<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a observação de Milena Ribeiro Martins a respeito do processo de escrita dos contos lobatianos pode ser perfeitamente estendida ao aqui observado sobre o romance de Rangel:

Se é verdade que o escritor usou a revista não só como veículo de publicação de seus textos, mas também como prova de edição – ou seja, lugar de publicação de um texto não definitivo, texto a ser revisto, alterado –, então poderemos chamar tal versão – a em revista – de uma espécie de primeiro manuscrito impresso do conto lobatiano<sup>10</sup>.

<sup>6</sup> LYRA, Helena Cristina, COUTO, Ivette. Advertência. In: RANGEL, Godofredo. *Vida ociosa*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000, p. VI.

<sup>7</sup> Nesse sentido, a dissertação de Mestrado de Milena Ribeiro Martins, intitulada *Quem conta um conto... aumenta, diminui, modifica: o processo de escrita do conto lobatiano* (Campinas, SP, 1998), é exemplar ao perscrutar esse processo de alterações entre várias versões dos contos lobatianos.

<sup>8</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 1, p. 237.

<sup>9</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 2, p. 102. O mesmo argumento é utilizado por Lobato em relação a outro romance de Rangel, *Os bem casados*, em carta de 30 de setembro de 1918: “reclamo a berros os *Bem Casados*. A *Revista* anda à procura de bons romances e não há notícia de nenhum melhor que o teu. Manda-mo a toda brida! Depois de impresso na *Revista*, fazes o repasse último e soltamo-lo em livro” (*Op. cit.*, t. 2, p. 184).

<sup>10</sup> *Quem conta um conto...*, cit., p. 49.

Desse modo, consideraremos a versão do romance *Vida ociosa* publicada na *Revista do Brasil* como “uma espécie de primeiro manuscrito impresso”, de modo a notar as alterações levadas a cabo na passagem do texto dessa versão e para o daquela editada em livro.

É o que se percebe, por exemplo, por meio do cotejo das versões do 2º período do 5º parágrafo do capítulo I – na versão publicada no periódico: “Como um canteiro prolífero, minh’alma desabrocha em aspirações, e sinto-me forte para realizá-las”; já na versão em livro: “Minh’alma desabrocha em aspirações, e julgo-me forte para realizá-las”. Ou ainda pelo cotejo das versões do segundo período do primeiro parágrafo do capítulo II – na versão publicada no periódico: “Vergastadas dos temporais, e aluídas polegada a polegada pela ação erosiva do tempo, as paredes destroçadas só raros vestígios mostram da última mão de cal levada vinte anos antes”; já na versão em livro: “Vergastadas dos temporais e corroídas polegada a polegada pela ação erosiva do tempo, as paredes raros vestígios mostram da última mão de cal levada vinte anos antes”. Pode-se concluir que as alterações empreendidas por Rangel tendiam a tornar o texto mais econômico, sobretudo no tocante à adjetivação.

Outro exemplo de alteração sugerida por Lobato e, ao fim, aceita por Rangel é o registrado em carta de 4 de agosto de 1915, iniciada por uma alusão a uma carta anterior:

A carta que mandei ontem não se referia ao último capítulo, que é de fato uma excrescência. Deves aproveitá-lo para um conto, porque o livro acaba maravilhosamente no penúltimo capítulo. Lemos o teu manuscrito ontem, eu, o Ricardo e o Adalgiso Pereira. Grande entusiasmo. Aclamamos-te o Dickens do romance nacional.<sup>11</sup>

O último capítulo, a que se refere Lobato – e que se inicia com a frase “Este capítulo é uma excrescência” (daí o comentário do missivista) –, seria mantido na versão publicada na *Revista do Brasil*, mas totalmente eliminado da versão publicada em livro. Aliás, Lobato voltaria a criticar esse capítulo – desta vez, porém, de modo bem mais contundente – em carta de 29 de agosto de 1918, ao cobrar de Rangel a publicação do romance em livro:

<sup>11</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 2, p. 45.

É indispensável vires a público em livro, porque o livro é como o germe que faz a palma, a chuva que faz o mar. Anda lá, pois, com as correções, elimina aquele final da expulsão do juiz, que está idiota e ninguém aceita e ainda ontem vi condenado por uma dama de faro apuradíssimo – e mandamo.<sup>12</sup>

De fato, tanto a primeira edição em livro, do ano de 1920, como a segunda, de 1934 – a última em vida do autor –, não incluem essa “excrescência”, o que confirma que Rangel aceitou pelo menos parte da sugestão de Lobato: a de excluir o capítulo do romance. Já a ideia de transformá-lo em um conto, ao que parece, não foi levada adiante.

Noutra carta, datada de 8 de fevereiro de 1919, encontra-se nova sugestão de alteração feita por Lobato a Rangel:

Recebi *Vida ociosa*. Parece-me aconselhável trocar a simples enumeração dos capítulos, coisa anticomercial, pela denominação dos capítulos, coisa comercialíssima. Acho horrivelmente árido um romance de capítulos numerados. E é fértil o em que cada capítulo tem um títulozinho tentador. Como faz Mestre Machado. O do Léo Vaz também é assim. Tudo que nos livros predispõe bem o público leitor e comprador é agradável a Deus. Se queres, eu mesmo batizo os capítulos – ou então mandas-me daí os nomes.

Lançando mão de um argumento de autoridade – “como faz Mestre Machado” – e de um argumento comercial – na opinião do novel editor, romances com capítulos intitutados seriam mais vendáveis que os que não os ostentassem –, Lobato acaba por convencer Rangel a intitular os capítulos de seu romance. Os originalmente 22 capítulos de *Vida ociosa*, singelamente numerados em algarismos romanos, conforme a publicação na *Revista do Brasil*, passariam, com a eliminação do capítulo XXII, a 21, todos devidamente batizados com um “títulozinho tentador”: “A estrada”, “Ruínas”, “Acolhimento cordial”, entre outros.

Interessante notar, aqui, a dupla posição ocupada por Lobato, dublê de escritor e editor: ao mesmo tempo em que recomenda alterações no romance com intenções estéticas – a ideia do “títulozinho tentador” aliada ao exemplo de Machado de Assis e Léo Vaz –, Lobato o faz com intenções editoriais, visando a um incremento das vendas do futuro lançamento da editora. Aliás, vão nesse sentido os últimos movimentos epistolares de Lobato a respeito de *Vida ociosa*. Ainda que advertido pela modéstia do amigo mineiro – que, em carta escrita de Três Pontas a 16 de novembro de 1919, admoestaria o editor:

<sup>12</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964, t. 2, p. 180.

Quanto a meu livro, segura breve (o “Vida Ociosa”) para que o edites em volume se ainda te mantiveres na mesma atrevida intenção. Vais talvez arriscar dinheiro imprópriamente e, o que é, pior, dinheiro da Sociedade que organizaste. Por isso, quando eu te mandar os originais, pensa bem antes, para que evites malogro daquela natureza para ti e remorsos para mim <sup>13</sup>,

Lobato não só resolveu-se a editar o romance, mas também, como era de seu hábito, enviou-o a todos aqueles de suas relações: por exemplo, a Artur Neiva: “Mando-lhe a *Vida ociosa*, a obra prima editada pela casa. Leia esse livro e veja que maravilha! Toda a lombeira da roça está nele. É a bíblia da preguiça” <sup>14</sup>. Ou a Antônio Salles:

Seguem os livros pedidos, com exceção de *Negrinha* que está esgotado. Recomendo-te *Vida ociosa*, que acho uma obra-prima de observação minuciosa e justa. Esse livro ainda não teve a repercussão que merece, mas tê-la-á um dia – se justiça não é palavra vã <sup>15</sup>.

É possível notar, assim, a partir desses fragmentos da gênese de *Vida ociosa*, que a atuação de Lobato, por meio da correspondência, ia de uma ponta a outra da produção literária, desde a leitura crítica das primeiras versões do texto, passando pelas sugestões de alteração, até a divulgação do livro impresso em sua versão definitiva. Espaço privilegiado para a troca intelectual, a correspondência permitia não só a maturação dos projetos literários – como se pôde perceber no período de alguns anos abrangido pelas cartas de Lobato a Rangel –, nas idas e vindas das versões de um texto, mas também a divulgação dos frutos desses projetos, algo que Lobato soube fazer muito bem.

<sup>13</sup> Carta de Rangel a Lobato, publicada na edição especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais* dedicada ao escritor mineiro no ano do centenário de seu nascimento (Belo Horizonte, 24 de novembro de 1984, ano XIX, nº 947, p. 10).

<sup>14</sup> Carta manuscrita sem data (AN C 18-06.21), CPDOC, Fundação Getúlio Vargas. Publicada em: TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”*: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Campinas, SP, 2007, p. 514.

<sup>15</sup> Carta manuscrita de 30 de agosto de 1922. Correspondência a Antônio Salles, Localização: Col. AS / Cp 139 – fl. 23. Fundação Casa de Rui Barbosa. Publicada em: TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”...*, *cit.*, p. 283.